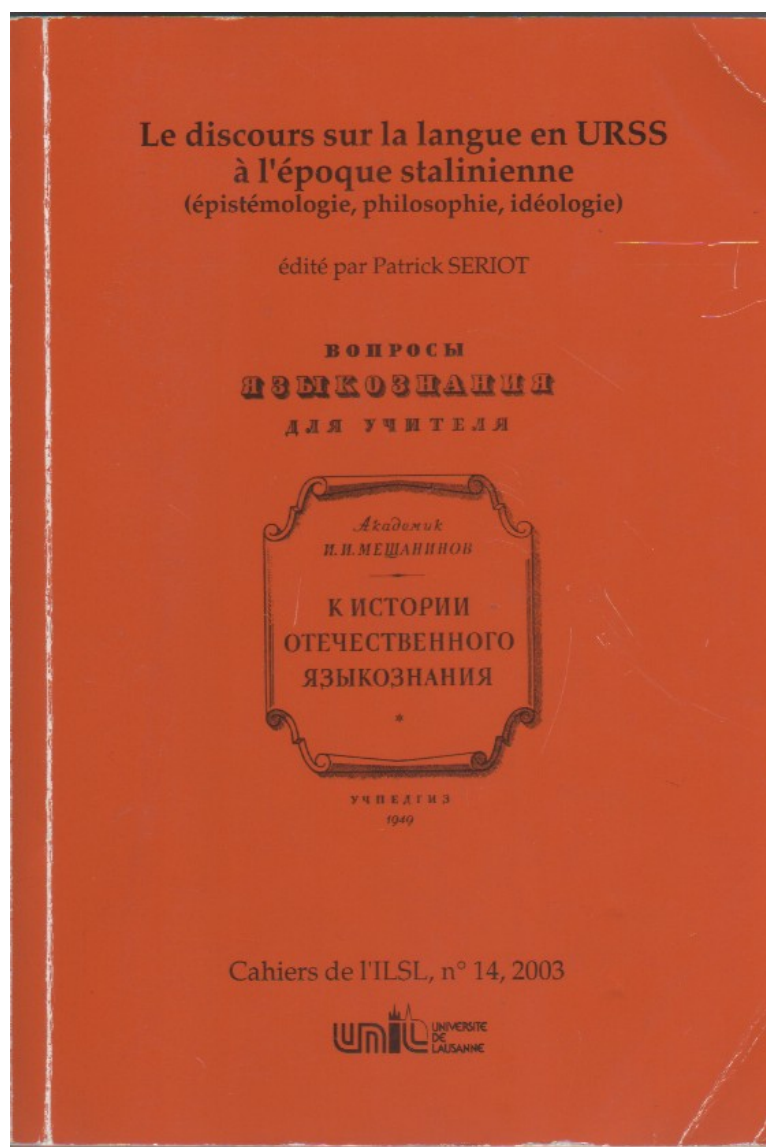


O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930 / *The dialogue on the Soviet linguistics of the 1920s and 1930s*

Irina Ivanova*

Versão para o português: Dóris Arruda C. da Cunha**

Heber de O. Costa e Silva***



*Professora da Universidade de Lausanne – UNIL, Lausanne, Vaud, Suíça; Irina.Ivanova@unil.ch. O artigo *Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930* foi publicado originalmente nos *Cahiers de l'Institut de Linguistique et des Sciences du Langage*, n° 14, 2003, p. 157-182.

**Professora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil, Pesquisadora do CNPq e Pós-doutora pela PUC-SP; dorisarruda@terra.com.br

***Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil; hocs_x@terra.com.br

A elaboração da teoria do diálogo é uma característica da linguística do século 20. Na Europa ocidental, podem-se mencionar abordagens as mais variadas, que vão desde a Escola de Palo Alto, passando pela etnometodologia de H. Sacks e E. Schegloff e a sociolinguística de J. Gumperz e W. Labov, até a análise conversacional de A. Sinclair e R. M. Coulthard, na Inglaterra, a pragmática linguística desenvolvida no laboratório de C. Kebrat-Orecchioni e no grupo de pesquisas de R. Vion, na França, e a teoria da modalização do diálogo de J. Moeschler e E. Roulet, na Suíça. Na Rússia, os estudos sobre o diálogo se desenvolvem em vários centros de pesquisa, como Moscou, Saratov, Tver', Ekaterinburg. Atualmente, o diálogo atrai a atenção não apenas de linguistas, mas também de sociólogos e psicólogos.

Em razão das circunstâncias nas quais a teoria do diálogo apareceu na Rússia, a maioria dos autores ocidentais faz referência a M. Bakhtin e aos seus trabalhos, dentre os quais citam seus dois livros sobre Dostoievski (1929 e 1963), as obras dos anos 1960-70 e o livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado sob o nome de Voloshinov em 1929. Esse livro é considerado um dos primeiros em que os princípios do dialogismo foram formulados por Bakhtin. É preciso mencionar também que muitos autores russos e ocidentais acreditam que o nome de Voloshinov é apenas um pseudônimo de Bakhtin, isto é, uma de suas “máscaras” (Cf. CLARK & HOLQUIST, 1984; MAXLIN, 1991, 1993, 1996; PAN'KOV, 1995, etc.). A maior parte dos outros trabalhos de Voloshinov relacionados pela mesma problemática a esse livro é, do mesmo modo, atribuída a Bakhtin (Cf. TODOROV, 1981; MAXLIN, 1991, 1993, 1996). Isso possibilita a esses pesquisadores falarem de Bakhtin – linguista (Cf. LEVINSKAJA, 1994; MAXLIN, 1996).

Existe, porém, outro texto, pouco conhecido no Ocidente e praticamente esquecido na Rússia atual. Trata-se de um artigo do linguista russo Lev Jakubinskij intitulado *Sobre a fala dialogal*¹, publicado em 1923, em Leningrado. Segundo o editor

¹ N.T. : A tradução deste título requer alguns esclarecimentos. A autora cita em russo, na bibliografia, *O dialogičeskoj reči* e, em francês, *Sur la parole dialogale*. Archaimbault (2000) diz que optou por uma tradução literal: *De la parole dialogale*. Rossitza Kyheng por sua vez escolheu *Du discours dialogique*. Já Sériot (2008a; 2010) prefere traduzir *reči* por *parole* e justifica a opção. Segundo Nowakowska, *reči* pode querer dizer *discurso*, *língua*, *linguagem*, *enunciado*, *fala*, *fluxo verbal*, *produção da fala*, o que gera numerosas dificuldades quando da tradução e interpretação do texto bakhtiniano até em russo. *Parole*, em francês como em português, pode ser traduzida por *palavra*, *fala*, *discurso*, *linguagem*. Optamos por *fala* ou *linguagem* em função do contexto, tendo em vista que Ivanova não usa *discurso*. Quanto a *dialogal*, é

atual de Jakubinskij, A. Leont'ev, esse artigo passou despercebido dos contemporâneos, e as ideias de Jakubinskij não tiveram continuidade na linguística russa (LEONT'EV, 1968, p.5).

Nossa atenção foi atraída pelo fato de que esses trabalhos de Jakubinskij e Voloshinov foram escritos e publicados na mesma época, com um intervalo de apenas seis anos, e também pela semelhança entre certos princípios nas duas teorias.

Elaboramos então as seguintes questões: (1) existem conexões entre esses dois trabalhos? e (2) por que o interesse pela fala dialogal surgiu na Rússia exatamente nessa época?

Para responder à primeira questão, devemos comparar a teoria do diálogo formulada no artigo de Jakubinskij com a concepção de diálogo em Voloshinov, apresentada nessas diferentes obras. Essa análise constituirá a primeira parte do nosso artigo.

Para chegar à resposta da segunda questão, é preciso estudar não apenas os trabalhos desse período em que se menciona a fala dialogal, mas também as obras dos linguistas e dos críticos literários russos nas quais é abordado o problema das diferentes formas e funções da linguagem. Trata-se essencialmente de trabalhos sobre a língua poética, escritos pelos formalistas russos e seus críticos. Era nesse contexto científico que estavam inseridos Jakubinskij e Voloshinov. Essa análise será apresentada na segunda parte de nosso artigo.

1 Jakubinskij – Voloshinov: a questão da filiação

1.1 A concepção de do diálogo em Jakubinskij

O linguista Lev Jakubinskij (1892-1945) fazia parte dos formalistas russos. Era conhecido essencialmente como um dos fundadores do OPOJAZ (Sociedade para o Estudo da Língua Poética, fundada em 1916) e como autor de artigos sobre a fonética da língua poética. Em 1923, inesperadamente ele publicou um artigo de cem páginas

importante dizer que o russo não dispunha da distinção *dialogal* e *dialogico* (NOWAKOWSKA, 2005). Em francês, a distinção entre *dialogico* e *dialogal* foi discutida por Roulet em 1985, mas, segundo Bres (2005), ainda há um amplo uso de *dialogico*, em razão do seu sucesso, para se referir a *dialogal*.

consagrado à análise da fala dialogal considerada como manifestação essencial da fala cotidiana (ou “prática”, na terminologia de Jakubinskij).

A distinção entre os dois tipos principais de linguagem — cotidiana (prática) e poética² — era muito difundida nessa época (Cf. ŠKLOVSKIJ, 1916; ŽIRMUNSKIJ, 1919, 1921; VINOGRADOV, 1923; VINOKUR, 1923; TYNJANOV, 1924). Jakubinskij também partilhava dessa ideia, mas, diferentemente dos autores citados, ele tomou a noção de *propósito* como dado essencial para essa distinção. Em outras palavras, ele parte da ideia da diversidade funcional da fala³. Na linguística russa dessa época, ele foi um dos primeiros a chamar atenção para a importância da *função*.

Ao mesmo tempo, para distinguir os tipos de linguagem, Jakubinskij se baseia na *forma* do enunciado, considerando que a distinção pela forma deve preceder a distinção pelo propósito, pois este último está relacionado aos fatores extralinguísticos. É a distinção pela forma que permite destacar a passagem da esfera extralinguística para os fenômenos propriamente linguísticos e que opõe o monólogo ao diálogo. Assim, definindo a forma e o propósito como pontos essenciais para a diversidade funcional da linguagem, Jakubinskij permanece no paradigma do pensamento dos formalistas russos.

Partindo dessa ideia, Jakubinskij, logo de início, define o diálogo como uma forma direta de interação verbal e analisa o papel da percepção visual e auditiva do interlocutor nessa interação. Essa análise o conduz à ideia da importância da mímica, do gesto e dos movimentos do corpo humano para a compreensão mútua. Ele observa que algumas vezes as mímicas e os gestos substituem uma réplica no diálogo (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 122).

Em seguida, Jakubinskij se interessa pela natureza eminentemente oral do diálogo e destaca o papel essencial da entonação, salientando que ela introduz diferentes nuances de sentido, que possuem “uma significação comunicativa e que determinam a compreensão da fala e do estado de espírito de um interlocutor melhor que as palavras em seu sentido corrente” (*Ibid.*, p. 125). Para ilustrar essa ideia, Jakubinskij usa como exemplo um fragmento do *Diário* de Dostoiévski em que se lê uma conversa entre

² N.T.: A dicotomia linguagem cotidiana (prática) e poética, em português, tem variantes em função do autor traduzido, da época e da edição. Tezza (2003, p. 113-115) utiliza palavra poética, “linguagem prática”, linguagem “comum” (aspas do autor). Cita Eikhenbaum (1987), para quem “Jakubinskij tinha realizado o confronto da língua poética com a língua cotidiana”.

³ Nessa época, Jakubinskij, como os outros alunos de Baudouin de Courtenay, não faz distinção entre *langue* e *parole* no sentido de Saussure. Frequentemente, os linguistas russos utilizaram esses dois termos como sinônimos até o fim dos anos 1930.

bêbados. Nessa conversa, uma palavra grosseira pronunciada com diversas entonações ganha sentidos totalmente diversos.

Além do significativo papel da entonação, Jakubinskij salienta a importância do tom, do timbre e das mímicas para o “tônus da fala”, em outras palavras, para que um ouvinte (*slušajuščij*) tome uma posição em relação ao locutor⁴ (*govorjaščij*) e em relação ao seu enunciado. Assim, o ouvinte vai orientar seu próprio “ponto de vista”, com o qual ele vai receber o restante da conversação.

O primeiro fenômeno que chama atenção de Jakubinskij na sua análise do diálogo é, portanto, o significativo papel do gesto, das mímicas e da entonação na interação verbal. Ele considera esses meios como comunicativos (“são carregados de informações”) e são colocados no mesmo nível da expressão verbal.

O segundo princípio desenvolvido por Jakubinskij em seu artigo é a ideia de Lev Ščerba sobre a oposição entre diálogo e monólogo como fenômeno natural e fenômeno artificial. Contudo, Jakubinskij utiliza esses termos num sentido diferente do empregado por Ščerba.

Em sua tese de doutorado, *Um dialeto lusácio do leste (Vostočnolužickoe naričie)*, Ščerba afirma que o diálogo é uma forma natural da linguagem e que “uma língua só manifesta sua existência no diálogo” (ŠČERBA, 1915, p. 4). Em outras palavras, ele relaciona diretamente o diálogo à linguagem cotidiana. Essa visão de Ščerba serviu de referência para muitos linguistas russos da nossa época que analisam a fala cotidiana.

Ao contrário do diálogo, o monólogo é, de acordo com Ščerba, “uma forma artificial da língua que está relacionada ao desenvolvimento das normas da língua comum, ao desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos” (ŠČERBA, 1915, p. 4).

Diferentemente de Ščerba, Jakubinskij explica as noções de “natural” e “artificial” com base na natureza psicológica do diálogo, considerada como uma interação de estímulos e de respostas. Ele adota a posição behaviorista, indicando o caráter quase reflexo da reação verbal (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 134).

Compreende-se então por que Jakubinskij, quando fala da natureza do diálogo, concentra-se mais particularmente na questão da interação entre “comunicantes” e por

⁴ Jakubinskij inventa seus próprios termos, que não correspondem aos termos modernos. Isso explica porque nós os utilizaremos com prudência, preferindo fornecer entre aspas explicações ou a transliteração (*em itálico*).

que ele salienta a importância da ideia de que “cada interação é uma ação recíproca (inter-ação), que tende para o fenômeno dialógico” (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 134).

Para ilustrar esse princípio, Jakubinskij analisa uma série de exemplos em que mesmo uma ação monológica provoca uma reação de resposta. Elaborando essa ideia, ele introduz a noção de “produção interior das réplicas” (*vnutrennee replicirovanie*), ou seja, a produção de uma resposta no discurso interior, consecutiva, por exemplo, à audição de uma palestra. Jakubinskij mostra o fenômeno da produção interior de uma resposta durante a leitura de um livro ou artigo, que pode se manifestar na forma de anotações nas margens das páginas.

Assim, segundo Jakubinskij, o fenômeno da produção de uma resposta é uma característica fundamental de todas as formas de interação verbal. Ela é de natureza psicológica, como um reflexo.

O terceiro princípio da teoria do diálogo formulada por Jakubinskij diz respeito à alternância das réplicas (*čeredovanie replik*). A troca de réplicas se desenrola seja na forma de uma mudança de locutor, seja na forma de uma interrupção.

Esse fenômeno da interrupção ao longo do diálogo é relacionado por Jakubinskij a outra característica importante, que é o inacabamento (*nezakončennost'*). Ele mostra que “cada ato da produção de um enunciado concreto supõe uma sequência, e ele vai continuar depois da contrarréplica; cada mudança de uma réplica pela contrarréplica do outro interlocutor é uma pausa até a nova réplica do primeiro interlocutor”⁵ (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 140).

Para explicar essa ideia de Jakubinskij, propomos um esquema:

Interlocutor A – enunciado A1

Interlocutor B – enunciado B1 (contrarréplica ao enunciado A1)

Interlocutor A – enunciado A2 (contrarréplica ao enunciado B1)

A mudança do enunciado A1 para o enunciado B1 é uma pausa até o enunciado A2. Então, o enunciado A1 é *inacabado*, pois ele pressupõe o enunciado A2. Esse princípio é válido para cada enunciado.

Analisando a natureza das réplicas, Jakubinskij expressa outra ideia importante, aquela de que cada réplica é determinada por uma réplica precedente do interlocutor:

⁵ Na linguística russa, o termo *réplica* significa um enunciado produzido por um interlocutor, inclusive um enunciado inicial.

“por um lado, ela é um componente original; por outro, um componente do enunciado na sua totalidade em uma dada situação do diálogo” (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 140).

Assim, nessa parte de seu trabalho, Jakubinskij coloca o problema do inacabamento do enunciado e o da articulação do concreto e do geral no enunciado.

A análise das características da cadência da fala levou Jakubinskij à ideia da ausência de reflexão no momento de uma resposta espontânea. Isso pressupõe que o interlocutor faz uso dos “componentes usuais” (ou seja, elementos de automatismo).

Essa observação sobre os “componentes usuais” conduziu Jakubinskij à ideia da simplicidade da composição do diálogo em contraste com o monólogo e da utilização de um número menor de palavras num enunciado dialogal por causa do componente “inacabado”. Ao contrário do diálogo, o monólogo pressupõe uma constituição mais complexa e a escolha dos fatos linguageiros.

No mesmo parágrafo, Jakubinskij destaca outra característica importante do diálogo, a saber, a simultaneidade da recepção da palavra de outrem (do locutor) e a preparação de um contraenunciado. Esse fenômeno torna a fala dialogal, do ponto de vista psicológico, mais complexa que a fala monologal e desempenha um papel determinante no diálogo.

Outro fenômeno a que Jakubinskij dedica muito espaço em seu artigo é a *apercepção* (*appercepcija*). Ele salienta que esse complexo fenômeno está relacionado, a um só tempo, à percepção e à compreensão. Jakubinskij utiliza essa noção para designar a experiência, tanto interna quanto externa, e o conteúdo psíquico de um interlocutor no momento da percepção. Ele define tudo isso como uma “massa aperceptiva”, que inclui tanto os componentes permanentes e transitórios como os componentes verbais e não verbais colocados numa mesma classe (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 147). Utilizando os termos modernos, pode-se dizer que Jakubinskij foi o primeiro na história da linguística a falar do fenômeno dos “conhecimentos partilhados”.

Analisando diferentes casos de utilização da “conjectura verbal” (*jazykovaja dogadka*), Jakubinskij mostra que não é somente a identidade das “massas aperceptivas” que desempenha um papel importante para a compreensão recíproca, mas também o tema — clichê (*šablonnost*) do enunciado. Para argumentar em favor de seus princípios, Jakubinskij usa exemplos tirados dos romances de L. Tolstói e de situações da vida

cotidiana, em que os interlocutores se compreendem com poucas palavras em uma situação padrão.

Quando Jakubinskij passa da análise de condições gerais de apercepção ao estudo desse fenômeno em uma situação de diálogo, ele destaca um fenômeno muito importante, a saber, a interação da base inicial da apercepção com o conteúdo percebido das réplicas do interlocutor:

Cada produção posterior de um enunciado se desenrola tendo como pano de fundo a massa aperceptiva determinada pela réplica que acabou de ser recebida. Se, depois de uma réplica, o interlocutor não compreende ou não assimila o que foi dito, ou ele perguntará algo sobre o sentido desse enunciado, ou o diálogo vai se esvaír pouco a pouco. O nível de compreensão determina também a composição linguageira do enunciado (JAKUBINSKIJ, 1923, p. 145).

Essa observação de Jakubinskij parece-nos muito importante, pois na linguística ocidental atribui-se essa descoberta ao linguista americano H. Sacks, que chamou a atenção para esse fenômeno nos anos 1960. A partir desse momento, essa ideia tornou-se a base da análise etnometodológica do diálogo nos Estados Unidos. Ora, como vemos, na teoria de Jakubinskij tal ideia já tinha sido por ele apresentada como princípio fundamental da organização do diálogo.

Desse modo, empregando os saberes sobre o fenômeno da apercepção que existiam na psicologia de sua época, Jakubinskij foi o primeiro a aplicá-los à análise da interação verbal em linguística. Ele utilizou tal fenômeno para explicar tanto a organização geral do diálogo quanto a estrutura sintática dos enunciados e a escolha das palavras.

Partindo do estudo do fenômeno da apercepção, Jakubinskij chega à construção de outro princípio da teoria do diálogo, qual seja, a questão do papel dos clichês (*šablony*) na interação. Jakubinskij relaciona os clichês (a estereotípiia) da situação cotidiana aos enunciados-clichês. Analisando o fato de que as interações cotidianas clichês são rodeadas por interações verbais clichês, ele dá exemplos de “respostas indiretas” (*otvety nevpopad*).

Desenvolvendo essa ideia, Jakubinskij concluiu que há frases-clichês que estão ligadas, simultaneamente, às situações clichês e aos temas clichês. Ele as considera como “clichês sintáticos complexos”, indecomponíveis, e as opõe a outras frases nas

quais se podem retirar componentes para combiná-los. Jakubinskij mostra que as frases do primeiro tipo são específicas do diálogo.

Na conclusão de seu artigo, Jakubinskij salienta que não fez mais que dar início ao estudo do diálogo e fornecer a formulação do problema. Efetivamente, esse artigo não pode ser apresentado como uma teoria completa do diálogo.

Concomitantemente, nesse artigo, pela primeira vez na linguística russa e mundial, encontra-se a formulação dos princípios da teoria do diálogo como fenômeno complexo e heterogêneo, no qual se cruzam componentes linguageiros e extralinguísticos. Dentre os princípios estabelecidos por Jakubinskij que permanecem atuais, podem-se mencionar os seguintes: (1) o diálogo como atividade mútua, interação; (2) o fenômeno da “resposta” (*otvetnost'*) de cada enunciado, que tem como consequência a “produção de réplicas no discurso interior”; (3) o caráter “não-acabado, não-terminado” de cada enunciado; (4) a espontaneidade dos processos de percepção e preparação de um novo enunciado; (5) a interação em um dado diálogo entre a experiência precedente e a réplica de um interlocutor.

Dessa maneira, partindo da ideia de analisar a fala prática, Jakubinskij determinou as especificidades do diálogo enquanto fenômeno complexo, formado por diversos fatores, tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

De fato, à primeira vista, esse artigo se encontrava numa posição isolada para sua época, porque a linguística russa tradicional continuou a praticar a abordagem histórico-comparativa e os colegas de Jakubinskij na OPOJAZ se interessavam mais pela fonética da língua poética. Nesse contexto, o interesse de Jakubinskij pelo diálogo parece trazer uma nota dissonante. Entretanto, como nós mostraremos adiante, se colocarmos esse artigo no paradigma geral das ciências humanas dos anos 1920-1930, vemos que sua publicação se inscreve perfeitamente nesse âmbito.

1.2 A concepção de diálogo de V. Voloshinov

Passando ao exame da teoria do diálogo de V. Voloshinov (1895-1936), devemos começar por algumas notas biográficas, pois esse linguista é completamente desconhecido ao Ocidente; além disso, frequentemente sua biografia é ofuscada pela de M. Bakhtin, e seus trabalhos atribuídos a esse autor. Parece-nos, portanto, importante

indicar vários fatos biográficos que possibilitam restituir seu nome à linguística e que mostram suas ligações com Jakubinskij.

Voloshinov estudou entre 1922-1924 na Universidade de Petrogrado, na Faculdade de Ciências Sociais do Departamento de Etnolinguística. Essa faculdade foi fundada a partir de três outras: a Histórico-filológica, a de Línguas Orientais e a de Direito. O programa de estudos incluía disciplinas históricas, econômicas, a psicologia, a lógica, a linguística geral e comparada, a teoria da literatura e o estudo aprofundado de línguas estrangeiras. Essas disciplinas eram ministradas por professores conhecidos na Rússia, entre os quais encontramos o nome de Jakubinskij. Assim, Voloshinov recebeu uma sólida formação em ciências humanas, incluindo psicologia e linguística. Tinha também um bom conhecimento da concepção linguística de Jakubinskij.

Após seus estudos na universidade, Voloshinov, sendo um aluno brilhante, recebeu uma proposta para continuar sua formação no Instituto de Estudos Comparativos de Literaturas e Línguas Ocidentais e Orientais (ILJAZV).

Assim, em 1926, começou um doutorado nesse instituto sob a orientação do professor Desnickii. O tema de sua tese era *O problema de transmissão do discurso de outrem*. No Instituto, ele trabalhou com Jakubinskij, bem como com outros linguistas, tais como E. Polivanov e S. Bernštein. Esse período da vida de Voloshinov é conhecido graças à descoberta nos arquivos da Academia de Ciências no início dos anos 1990 do seu dossiê de doutorando⁶.

Depois que terminou seus estudos no ILJAZV, Voloshinov trabalhou como professor adjunto⁷ no Instituto Pedagógico Herzen e, em seguida, como professor titular no Instituto de Formação Superior de Especialistas em Belas Artes.

Em 1930, Voloshinov foi convidado, juntamente com Jakubinskij, para trabalhar como linguista na revista de M. Gorki *Literaturnaja učeba*. Nessa revista, publicou grande parte de seus artigos nos mesmos números que Jakubinskij. Desse modo, a atividade científica desses dois linguistas se desenvolveu no mesmo meio profissional⁸.

⁶ Publicação de N. Pan'kov em 1995.

⁷ N.T.: A autora usa “maître de conférence”, uma das duas categorias de professor-pesquisador do sistema de ensino superior francês que não tem correspondente exato no Brasil, pois o “maître de conférence” não pode orientar teses de doutorado, o que não ocorre com o professor adjunto no Brasil. A outra é a de professor titular, a mais elevada da carreira acadêmica.

⁸ Vale dizer que Bakhtin, em suas entrevistas a Duvakin, não menciona o nome de Jakubinskij. Perguntado diretamente sobre o OPOJAZ, ele se recorda com dificuldade do nome de um membro do

As pesquisas científicas de Voloshinov tinham por objeto a poética sociológica, a comunicação verbal e, mais particularmente, a natureza do enunciado. Na comunicação verbal, ele incluía também a “comunicação literária” (*xudožestvennoe obščenie*). O diálogo fazia parte da análise da comunicação verbal na qualidade de componente essencial e indispensável. De acordo com Voloshinov, o enunciado é engendrado na comunicação verbal e funciona nesse meio. É isso que explica o interesse particular de Voloshinov pelo diálogo e a relação entre o diálogo e o enunciado.

A análise de alguns de seus trabalhos — os artigos *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926)⁹, *A construção do enunciado* (1930) e os livros *O freudismo* (1927) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) — mostra que ele desenvolve em cada um os problemas teóricos da interação verbal.

No artigo *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), que pelo título e pelo método de análise (da linguagem prática à linguagem poética) lembra o de Jakubinskij, Voloshinov conceitua a “comunicação literária” como forma particular de comunicação social, “realizada e fixada numa obra literária” (VOLOSHINOV, 1926 [1998, p. 248]). Ele considera o estudo dessa forma como a tarefa principal da poética sociológica. Uma vez que essa forma faz parte do fluxo geral da vida social, é preciso começar pela análise do “enunciado da vida cotidiana” (*žiznennoe vyskazyvanie*), isto é, pela análise da “palavra” no diálogo cotidiano.

Diferentemente de Jakubinskij, que parte da forma linguística do enunciado dialogal e vai em direção às condições de seu funcionamento, Voloshinov se baseia na ideia de que um enunciado é produzido por uma situação extralinguística. É por isso que ele introduz a questão das relações entre uma situação extralinguística da vida cotidiana e um enunciado e formula a definição do contexto extralinguístico, em que inclui o espaço comum dos participantes, o conhecimento partilhado, a compreensão da situação e sua apreciação comum dessa situação (*Ibid.*, p. 250). Mais adiante nesse artigo, ele desenvolve a noção de contexto e conclui que a situação entra no enunciado como componente indispensável ao seu sentido (*Ibid.*, p. 251).

OPOJAZ, N. Lopatto, pouco conhecido. É um argumento a mais para atribuir os textos controversos a Voloshinov, que fez seus estudos com Jakubinskij, trabalhou com ele e o citou em suas obras.

⁹ Tradução de T. Todorov: *O discurso na vida e o discurso na poesia* (1981).

Em seguida, no mesmo artigo, Voloshinov discute a questão da natureza social da entonação. Ele faz uma observação muito interessante sobre a influência da entonação sobre “a imagem do outro”, da qual depende a construção do enunciado. Do mesmo modo, Voloshinov mostra as diferenças de entonação e de construção do enunciado, que dependem do acordo ou desacordo entre os participantes.

Além da entonação, ele analisa o papel do gesto na interação verbal, atribuindo-lhe as mesmas funções que atribui à entonação.

É preciso ressaltar que, em todos esses fenômenos, Voloshinov salienta sobretudo o aspecto social, observando que “um enunciado concreto (não é uma abstração linguística) nasce, vive e morre nos processos de interação social dos participantes” (VOLOSHINOV, 1926 [1998, p. 257]).

Dessa forma, desde esse artigo, Voloshinov aborda pontos importantes, a partir dos quais ele vai desenvolver sua teoria da interação verbal. Concomitantemente, observa-se claramente aqui sua abordagem sociológica da língua.

No seu livro *O freudismo* (1927), Voloshinov mantém o interesse pela interação verbal, dedicando-se mais especificamente ao comportamento languageiro nos seus aspectos psicológico e social e ao papel desempenhado pelo enunciado, que ele chama de uma “reação verbal”. É por esse motivo que ele aborda também a questão da relação entre palavra e pensamento e que ele se volta para os problemas do discurso interior, estudando as conexões entre os processos internos e sua expressão verbal externa. Ao descrever a natureza do enunciado, Voloshinov retorna à sua concepção expressa no artigo precedente. Mas, dessa vez, ele salienta que são os dois participantes que produzem um enunciado. Em outras palavras, ele destaca o papel ativo do interlocutor.

Ademais, Voloshinov indica que um enunciado é um produto da interação não somente dos dois participantes, mas também da situação social como um todo em que ele surgiu (VOLOSHINOV, 1927, p. 118). Considera que o fator social objetivo é determinante.

Assim, nos trabalhos supracitados, Voloshinov formula sua ideia sobre o papel determinante do fator social para a comunicação verbal e analisa certos aspectos do enunciado aproximando-os da análise filosófica desse problema. Desenvolve essas questões no nível filosófico em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), proveniente diretamente de sua tese de doutorado.

Nesse livro, Voloshinov, que tomou como objetivo fundar uma nova filosofia, marxista, da linguagem, depois de ter analisado as concepções contemporâneas da linguagem, consagra um capítulo à interação verbal. Ele constata que “um acontecimento social de interação verbal é a única realidade da ‘língua-fala’ (*jazyka-reči*)” (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 104]). Desenvolvendo essa ideia, ele propõe uma distinção entre um diálogo em sentido estrito, como uma forma de interação verbal, e um diálogo em sentido amplo, como a comunicação verbal de todos os tipos (*Ibid.*). Toma como exemplo um livro que entra em uma discussão ideológica de larga escala. Essa extensão das ligações explica o caráter “não-acabado” (*nezakončennost*) de cada enunciado, pois ele é apenas um instante da comunicação verbal não-terminada (na vida, na literatura, na política, etc.). Portanto, em Voloshinov, o diálogo ganha um sentido mais amplo: ele significa o processo geral da interação.

Na terceira parte de seu livro, Voloshinov retorna à sua ideia principal sobre o diálogo como unidade real da “língua-fala”, mas relaciona o diálogo às diferentes formas de transmissão da palavra de outrem, pois é nessas formas que se manifesta a relação ativa (*aktivnoe otnošenie*) (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 126]). Voloshinov mostra a semelhança e a diferença entre o diálogo e as formas de transmissão da palavra de outrem. A semelhança se baseia na *percepção ativa da palavra de outrem*. A diferença reside no fato de que, em um diálogo, as réplicas são gramaticalmente distintas (*gramatičeski razobščeny*) e não são incorporadas num contexto único, ou seja, “não há formas sintáticas que construam um diálogo” (*Ibid.*). No caso da transmissão da palavra de outrem, ao contrário, *a percepção ativa da palavra de outrem* se realiza com as construções estáveis próprias da língua.

Voloshinov definiu, de maneira lógica, o diálogo em sentido amplo como todas as formas de comunicação verbal, o diálogo em sentido estrito como uma forma concreta dessa interação e as formas construtivas da transmissão da palavra de outrem. Estas últimas se gramaticalizaram. Assim, o estudo dessas formas permite compreender “como um enunciado de outrem vive na consciência verbal interna de um interlocutor, como é interpretado nessa consciência e como a palavra desse interlocutor é orientada em relação a esse enunciado” (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 126]).

O interesse pelo mecanismo da percepção de um enunciado conduz Voloshinov à necessidade de analisar a linguagem interior. É por essa razão que ele desenvolve as

ideias que foram formuladas no seu livro *O freudismo* mostrando que a linguagem interior é organizada de acordo com o princípio dialogal. Dessa forma, ele retorna à questão do diálogo interno sobre o qual escreveu na primeira parte de seu livro, analisando como se dá a percepção, a compreensão e a avaliação do enunciado de outrem.

Essa percepção verbal interna se desenvolve em duas direções. Em primeiro lugar, esse enunciado de outrem está cercado pelo contexto comentado (que coincide parcialmente com o fundo aperceptivo da palavra), pela situação (interna e externa) e pela expressividade. Em segundo lugar, prepara-se uma contrarréplica. Esses dois processos — a preparação interna da réplica (*vnutrennee replicirovanie*) e o comentário — estão imbricados num ato de percepção ativa, e só se pode distingui-los de maneira abstrata (*Ibid*, p. 129).

Analisando o mecanismo da percepção, Voloshinov mostra então uma base dialogal comum para a organização de todos os tipos de comunicação verbal: da linguagem interior às partes relativamente acabadas de um monólogo, ou seja, dos parágrafos, que considera análogos às réplicas do diálogo, até uma intervenção complexa, impressa como um livro. Dessa maneira, ele atribui ao dialogismo o estatuto de princípio comum fundamental do enunciado, e o diálogo é considerado ele próprio uma unidade real da “língua-fala” e uma das formas principais da interação verbal.

O processo da percepção está intimamente ligado ao processo da compreensão. Em suas pesquisas, Voloshinov aborda também a questão da natureza da compreensão. Ele indica que cada compreensão verdadeira é ativa e serve de germe para uma resposta, isto é, que cada compreensão possui uma natureza dialogal (*vsjakoe ponimanie dialogično*).

Voloshinov relaciona o processo ativo de compreensão com o problema da semântica da palavra. Ele afirma que o sentido se realiza durante o processo de interação entre locutor e interlocutor, a partir de um complexo sonoro. Ele estende o princípio do dialogismo à semântica. Assim, Voloshinov eleva o dialogismo ao nível de princípio fundamental de todos os fenômenos da “língua-fala”, do texto à significação de uma palavra.

Além do lado perceptivo (“o plano do interlocutor”, em termos modernos), Voloshinov analisa o lado produtivo (“o plano do locutor”) sem colocá-los em oposição.

Ele considera-os como uma interação verbal que forma um todo (*celoe rečevoe vzaimodejstvie*). Nesse fenômeno, ele se interessa pela questão da orientação da palavra. Ele alega que não há interlocutor abstrato. A palavra do locutor é sempre orientada para seu interlocutor levando em consideração quem ele é, a que grupo social pertence, qual é sua posição hierárquica em relação ao locutor, se ele tem laços de parentesco (que Voloshinov considera como ligações sociais) com o locutor. Como resultado de suas reflexões, Voloshinov chega à conclusão de que “cada palavra é um ato bilateral. É determinada de modo igual tanto por quem a produz quanto por aquele a quem é dirigida. Como palavra, ela é produto da interação entre o locutor e o interlocutor”. (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 94]).

Assim, em Voloshinov, a natureza dialogal da palavra é determinada não apenas pelo processo de compreensão, mas também pelo ato de produção. Dito de outro modo, a palavra possui uma determinação bilateral (*dvustoronnjaja obustlovlennost'*).

O problema da palavra e das outras questões linguísticas serve para Voloshinov argumentar e ilustrar a natureza social da interação verbal e de seu produto, o enunciado. Diferentemente de Jakubinskij que, em suas reflexões, parte da forma do enunciado e se apóia sobre a natureza psicológica (até mesmo reflexiva) do diálogo, Voloshinov baseia suas reflexões teóricas unicamente na dimensão social. Mesmo quando estuda o sujeito falante, ele leva em conta unicamente o aspecto social do locutor e do interlocutor. Ele considera que a estrutura do enunciado é inteiramente determinada pela situação social, tanto a situação mais imediata quanto a mais ampla.

Desenvolvendo essas reflexões sobre a interação social e seu papel na produção de um enunciado, sobre a influência do auditório sobre a forma do enunciado, Voloshinov chega à ideia da existência dos gêneros verbais, que ele chama ora de “gêneros da vida cotidiana” (*žitejskie žanry*), ora de “gêneros verbais da vida” (*žiznennye rečevye žanry*). Em todos os casos, a noção-base é “gêneros da vida cotidiana”, ligados à situação estável da vida cotidiana (*ustojčivaja bytovaja situacija*):

Cada situação constante da vida cotidiana possui uma organização concreta do auditório e, conseqüentemente, um repertório de pequenos gêneros da vida cotidiana [...] o gênero da vida cotidiana faz parte do meio social: da festa, do lazer, da comunicação nos salões, nas oficinas, etc. Ele está em contato com esse meio, é limitado por esse meio, é determinado por ele a cada um de seus momentos internos. O

processo do trabalho e da comunicação oficial possui outras formas de construção do enunciado. (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 94])

De acordo com Voloshinov, essa noção de situação social estável se encontra na base do desenvolvimento das formas languageiras. É a situação social que se estabiliza primeiramente; depois, são a comunicação verbal e a interação; em seguida, as formas das intervenções verbais que se estabilizam; por fim, tudo isso se reflete nas mudanças das formas languageiras (*Ibid.*, p. 106). Ao mesmo tempo, Voloshinov relaciona a noção de gênero da vida cotidiana com a noção de “todo” ou “totalidade” (*celoe*):

A primeira palavra e a última, o começo e o fim do enunciado da vida cotidiana — esse é o problema do todo... Uma questão acabada, uma exclamação, um ordem, um pedido — esses são os todos típicos dos enunciados da vida cotidiana. (VOLOSHINOV, 1929 [1993, p. 106])

Voloshinov relaciona as situações constantes às formas verbais constantes e aos enunciados concretos considerando-os como um todo. É a unidade do verbal e do não-verbal de mais alto nível que se realiza na noção de “gênero verbal da vida” (*žiznennyj rečevoj žanr*). Ademais, Voloshinov indica não apenas a estabilidade dessas situações sociais da comunicação, não apenas a fixidez das formas da comunicação, não apenas a estabilidade das formas de abertura e de fechamento, mas também o fato de que há um número *limitado* de temas de comunicação. Essa estabilidade dos componentes ligados entre eles possui um caráter histórico, pois ela muda em função da época e dos grupos sociais.

Essa análise detalhada da natureza social da comunicação verbal, de um lado, e do princípio dialogal da organização de todas as formas de interação verbal do outro, leva Voloshinov à ideia dos gêneros verbais da vida, isto é, ele relaciona em um complexo o gênero, o diálogo-conversação e o dialogismo. Pode-se dizer que o gênero verbal da vida é o meio no qual um enunciado nasce e vive, o diálogo é a forma principal de comunicação verbal e o dialogismo é a característica fundamental de todos os enunciados até o nível de uma palavra e de seu sentido.

Em suma, podemos dizer que Voloshinov analisa o conjunto gênero – diálogo – dialogismo e todos os seus componentes nas suas relações até o nível da palavra, do sentido, da entonação e das formas sintáticas; ele define esse conjunto no seu aspecto filosófico, sociológico e linguístico. Com isso, Voloshinov abre novas perspectivas para

a linguística da sua época, ampliando o domínio de pesquisas para a pragmática. Ele formula assim o princípio do dialogismo como uma pedra angular para a nova filosofia da linguagem.

Depois da publicação desse livro, Voloshinov ainda não abandona a questão da organização do diálogo. Ele desenvolve esse problema no seu artigo seguinte *A construção do enunciado* (1930), que foi publicado na revista *Literaturnaja učeba*, no mesmo número que um artigo de Jakubinskij. Nesse artigo, Voloshinov esclarece várias definições e acrescenta exemplos extraídos de obras de Gogol e Dostoievski para ilustrar certos princípios teóricos.

Primeiramente, Voloshinov fala dos tipos de comunicação social, fazendo distinções entre a comunicação de trabalho, a comunicação administrativa, a comunicação da vida cotidiana, a comunicação ideológica e, em especial, a comunicação literária (*xudožestvennoe obščenie*) como as mais importantes. Ele estabelece as conexões entre esses tipos e os tipos constantes de enunciados para especificar a definição de gênero como estrutura-tipo do enunciado (*typovaja struktura vyskazyvanija*), que possui suas formas gramaticais e estilísticas.

Em cada comunicação verbal, Voloshinov põe em relevo dois pontos importantes: primeiro, a produção do enunciado pelo sujeito falante e, segundo, a compreensão desse enunciado por parte de um interlocutor. Essa compreensão contém sempre um elemento de resposta. Todos os enunciados longos de um sujeito falante são monólogos apenas na sua forma; pela sua natureza, eles são diálogos (VOLOSHINOV, 1930, p. 69).

Em seguida, Voloshinov aborda a questão da natureza dialogal da linguagem interior, esclarecendo que todas as nossas intervenções verbais internas contêm a apreciação de um locutor potencial (*Ibid.*, p. 70). Contudo, Voloshinov, ao desenvolver sua tese sobre a natureza social da consciência, acrescenta a ideia de que cada enunciado tem uma determinação de classe (*klassovaja obuslovlennost'*). Ele examina, por exemplo, uma situação de tomada de decisão, afirmando que no momento da reflexão nossa linguagem interior assume a forma de perguntas e respostas, afirmações e contradições: “Nossa consciência se distingue em duas vozes independentes e contraditórias. Uma dessas vozes independentemente da nossa consciência e da nossa vontade sempre encontra a opinião e a apreciação da classe social a que pertencemos”.

Ele fala em seguida da colisão em um mesmo fluxo de palavras de duas ideologias, de duas opiniões de classes sociais que lutam uma contra a outra. Com isso, Voloshinov se coloca na posição do *sociologismo vulgar*, o que pode ser explicado pela situação política da Rússia e pela ideologia dominante nessa época.

Fora o aspecto sociológico, Voloshinov desenvolve nesse artigo o aspecto linguístico do enunciado. Ele mostra como a posição do interlocutor determina a construção do enunciado, especialmente, a entonação, a escolha das palavras e a sua composição. Ele chama a atenção particularmente para a *entonação*, atribuindo-lhe um papel de protagonista na construção do enunciado, tanto o enunciado da vida cotidiana como o literário. (Parece-nos que essa atenção especial dada por Voloshinov à entonação e ao tom não causa surpresa, já que ele foi musicólogo quando jovem.) Voloshinov atribui à entonação uma função significativa (*smysloobrazujuščaja funkcija*) e observa que uma dada situação e um dado auditório determinam a entonação e que é através dela que são feitas a escolha das palavras, sua ordem e a interpretação do enunciado. Para ilustrar essa tese, Voloshinov dá um exemplo particularmente marcante, retirado do livro de Gogol *Almas mortas*, destacando o problema do estereótipo verbal e da estilística do enunciado da vida cotidiana.

Simultaneamente, ele alerta contra o perigo de interpretar um enunciado literário como enunciado cotidiano, algo que só poderia ser aceito em casos excepcionais. Voloshinov analisa a cena do encontro de Tchitchikov com o general Betrishev, enfatizando todos os mecanismos ocultos e compondo um comentário estilístico detalhado.

Nesse artigo, Voloshinov desenvolve as reflexões teóricas e as aplica à análise estilística. Ele esclarece a noção de situação, de atitude social, de papel e de lugar do enunciado. Infelizmente, esse foi seu último artigo, pois ele teve de interromper o trabalho devido à sua doença. Voloshinov morreu em 1936.

Para resumir, pode-se dizer que, diferentemente de Jakubinskij, Voloshinov se baseia antes de tudo no aspecto sociológico da interação verbal. A linha das suas reflexões vai dos componentes não-verbais da interação ao enunciado verbal propriamente dito. Ele dedica uma atenção particular à interação desses dois componentes, desenvolvendo sobretudo o problema da situação e dos seus elementos.

Considerando o evento social da interação verbal como uma realidade da língua, Voloshinov define o diálogo como uma unidade real da “língua-fala”. Na sua concepção, todos os enunciados verbais, da palavra ao romance, são marcados pelo dialogismo. A análise desse princípio permite à Voloshinov destacar características como a propriedade da antecipação da resposta (*otvetnost'*), o inacabamento (*nezakončennost'*), a orientação para o interlocutor (*orientirovannost' na slušatelja*). Concomitantemente, Voloshinov analisa o aspecto linguístico do enunciado, interessando-se particularmente pela sintaxe e pela entonação.

Desse modo, Voloshinov estabelece uma base para a teoria do enunciado relacionando-a com a concepção do diálogo e declarando o dialogismo como princípio fundamental para a organização da interação verbal. Graças a isso, assim como Jakubinskij, ele ampliou os domínios da linguística ao incluir no seu campo de pesquisas o aspecto pragmático.

A orientação social de sua reflexão leva Voloshinov à descoberta dos gêneros da vida cotidiana, que são caracterizados pelas situações clichês, pela estrutura clichê, pelos temas clichês e pelos enunciados clichês. Ele estabelece uma relação entre essa concepção de gêneros e a do dialogismo, mas, infelizmente, não teve tempo de dar a essa teoria uma forma mais bem acabada. É Bakhtin quem elaborou mais tarde essa teoria nos seus trabalhos dos anos 1960.

1.3 As relações entre a concepção de diálogo de Jakubinskij e a de Voloshinov

O primeiro a levantar a hipótese da relação entre o artigo de Jakubinskij e o livro de Bakhtin (Voloshinov) é L. Matejka (1973). Infelizmente, sua ideia não chamou a atenção dos linguistas.

Depois de ter analisado a concepção de diálogo em Jakubinskij e em Voloshinov, a relação entre elas nos parece evidente. Contudo, é preciso acrescentar argumentos para mostrar a influência das ideias de Jakubinskij em Voloshinov.

Primeiramente, é necessário levar em conta as referências que Voloshinov faz em seus trabalhos. Parece-nos que os pesquisadores que analisaram o livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Voloshinov, e que o atribuíram a Bakhtin estavam

interessados em primeiro lugar no aspecto filosófico, sem considerar a linguística e o nome de Jakubinskij.

Em geral, os especialistas em história da linguística falam da influência da escola de Vossler (ALPATOV, 1995) sobre Voloshinov. Efetivamente, este último refere-se frequentemente aos trabalhos de C. Vossler, de L. Spitzer e de O. Dietrich. Mas, paralelamente a essas referências, podemos ver também o nome de Jakubinskij. A análise dos trabalhos de Voloshinov e a comparação da sua concepção com a de Jakubinskij mostra a grande influência deste último sobre a teoria do diálogo do primeiro.

Em primeiro lugar, os dois linguistas partem da ideia de que o diálogo é a forma natural de existência da língua. Elaborando essa tese, Voloshinov se refere diretamente a Jakubinskij. Em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Voloshinov menciona o artigo de Jakubinskij como a primeira pesquisa feita na Rússia sobre o diálogo.

Em segundo lugar, Voloshinov se apóia nas ideias de Jakubinskij quando analisa as formas diretas e indiretas de interação verbal (VOLOSHINOV, 1929, p. 158). Ademais, Voloshinov toma emprestado de Jakubinskij o termo “resposta interna” (*vnutrennee replicirovanie*), necessário para ele definir a propriedade de antecipação da resposta de cada enunciado, mesmo de um monólogo (*Ibid.*, p. 129).

Certas ideias de Voloshinov são formuladas sem referência a Jakubinskij, mas a comparação de suas concepções mostra as semelhanças. Por exemplo, quando Voloshinov fala da importância da entonação no processo de interação verbal e de sua determinação pela situação, ele usa o mesmo exemplo da conversa entre bêbados que Jakubinskij havia encontrado no *Diário* de Dostoievski e que é analisado em seu artigo. Tanto Jakubinskij quanto Voloshinov apontam frequentemente a determinação pela *situação* da entonação, da escolha das palavras e da estrutura do enunciado. Ambos os linguistas relacionam a estereotipia dos enunciados à estabilidade das situações da vida cotidiana. Exceto que, na concepção de Voloshinov, essa ideia é desenvolvida até a noção de gêneros verbais na vida cotidiana.

Tanto Jakubinskij como Voloshinov analisam o diálogo como resultado da atividade comum do locutor e do interlocutor. Os dois linguistas dedicam muita atenção ao fenômeno da percepção e apontam sua propriedade de antecipação da resposta. Podemos continuar essa lista de ideias comuns, mas o que importa, essencialmente, na

nossa visão, é o fato de que a teoria do dialogismo de Voloshinov, em muitos aspectos, é muito próxima da concepção de Jakubinskij; em outras palavras, ela tem suas fontes não somente na linguística alemã, mas também na linguística russa.

Além disso, como nós mostramos, Jakubinskij e Voloshinov estiveram em contato por meio de suas atividades profissionais. Podemos supor, portanto, que eles conheciam bem suas respectivas concepções científicas.

Estudando a concepção de diálogo de Voloshinov, nós já apontamos as diferenças entre as teorias desses dois linguistas. Aqui, podemos acrescentar que Voloshinov desenvolveu certas ideias das quais Jakubinskij apenas se aproximou (as ideias da propriedade de antecipação da resposta, do inacabamento, da resposta interna, do clichê, etc.). Voloshinov ampliou a noção de diálogo e a estendeu até a cada produção verbal, o que permite a Bakhtin falar, mais tarde, da *polifonia* do romance. Para indicar um último ponto diferente entre Jakubinskij e Voloshinov, podemos salientar que Jakubinskij, analisando o diálogo enquanto forma da comunicação, entrou no domínio da teoria da comunicação. Voloshinov, com seu princípio do dialogismo, trouxe uma contribuição não só para essa teoria, mas também para a estilística e para o nascimento da linguística do texto.

2 As concepções de Jakubinskij e de Voloshinov no paradigma das ciências humanas de sua época

Depois de estabelecer as relações entre a teoria do diálogo de Jakubinskij e a de Voloshinov, vamos tentar situar esses trabalhos no contexto da época em que viveram, para compreender por que o diálogo chamou a atenção desses linguistas.

Como já apontamos, à primeira vista, o artigo de Jakubinskij e os trabalhos de Voloshinov ocupam um lugar particular na linguística dos anos 1920. Contudo, se analisarmos a situação geral das ciências humanas dessa época, vemos que essas obras estão associadas a outras pesquisas, tanto em linguística como em crítica literária.

Primeiramente, na Rússia, essa época é marcada por uma grave crise na linguística histórico-comparativa. Os numerosos alunos de Baudouin de Courtenay, entre os quais Jakubinskij, Ščerba, Polivanov, Larin, Černyšev, interessavam-se pelo estudo das línguas vivas. A utilização da língua pelo homem era seu principal objeto de

pesquisa. Portanto, eram as diferentes formas da prática da linguagem, tanto na vida cotidiana quanto nas obras literárias, que estavam no centro de suas reflexões.

Desenvolvendo a ideia de Baudouin de Courtenay sobre a primazia da forma oral da língua, certos linguistas concentraram seus estudos na entonação, na fonética experimental e nos dialetos geográficos e sociais (Bogorodickij, Larin, Polivanov, Černyšev, Ščerba, etc.). Ao mesmo tempo, a situação política e social estimulou o interesse dos filólogos na comunicação verbal e na arte da palavra. Grande parte dessas pesquisas foi desenvolvida no âmbito do “Instituto da Palavra Viva” (*Institut živogo slova*), que fora fundado em Petrogrado, em 1918. Vale dizer que Jakubinskij estava entre os fundadores desse Instituto. Foi assim que os estudos sobre a prática da fala cotidiana, da língua oral, começaram a ocupar um espaço cada vez maior na linguística russa.

Outro campo que começou a se desenvolver ativamente nessa época foi a *poética*. As grandes mudanças que ocorreram na literatura russa e o aparecimento da vanguarda determinaram o interesse dos filólogos pela criatividade languageira e o problema da utilização dos meios linguísticos por parte de um poeta ou escritor. Para desenvolver esse campo de pesquisas, foram fundadas duas sociedades: a Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOJAZ), em 1916, em Petrogrado, e o Círculo Linguístico de Moscou, em 1915. É difícil definir a especialidade de cada um dos fundadores. Eram linguistas interessados nos problemas da forma e da composição das obras literárias, e críticos literários que discutiam questões de linguística. O termo *filólogo* é o que mais convém para definir esses fundadores, entre os quais estava mais uma vez o nome de Jakubinskij.

A maioria de seus estudos foi publicada nas *Sborniki po teorii poetičeskoj reči* (Coleções sobre teoria da língua poética, 1916, 1917), na revista *Russkaja reč'* (A língua russa, 1923-1927), nas coletâneas *Poëtika* (Poétique, 1919, 1923, 1926, 1929) e *Levyj front – LEF* (O campo esquerdo, 1923, 1927).

Os filólogos dessa corrente (formalistas russos) faziam uma clara distinção entre a língua poética e a língua prática. Ainda que certos critérios dessa distinção tenham variado de autor para autor, havia um ponto comum sobre o qual todos esses pesquisadores estavam de acordo: a língua poética possui um caráter imagético (*obraznost'*). Ao contrário da língua poética, a língua prática é automatizada, as

palavras perdem a imagem que tinha na origem, tornam-se banais. Em vez de sentir a imagem que se encontra na origem da palavra, as pessoas apenas a *reconhecem*. É por isso que, na poesia, é preciso dar novamente às palavras o seu frescor. Os princípios da língua poética foram elaborados nos trabalhos de V. Šklovskij (1916, 1917), V. Žirmunskij (1923), V. Vinogradov (1923), G. Vinokur (1923), Ju. Tynjanov (1924). Vimos que essa ideia do automatismo da língua prática foi trabalhada por Jakubinskij no seu artigo *Sobre a fala dialogal*.

Para melhor salientar as especificidades da língua poética, era preciso estudar também a língua prática. É isso que explica a publicação do artigo de Jakubinskij e que permite colocá-lo na mesma série que os trabalhos sobre a língua poética.

Há duas outras noções que eram muito importantes para os formalistas russos: o *propósito* e a *forma*. É o propósito que determina a escolha das palavras e a utilização dos outros fatos linguísticos. Os diferentes componentes de uma obra literária dependem do propósito que é definido pelo autor. Assim, o propósito é um fator construtivo dominante numa obra. É também o propósito que serve para distinguir a língua poética da língua prática.

A forma também desempenha um papel essencial, pois ela possui um carácter dinâmico e está ligada ao material e ao conteúdo. Uma obra literária deve, portanto, ser analisada na unidade de sua forma, do seu material e do seu conteúdo. Daí advém a importância dos fatos linguísticos para a análise literária. A unidade essencial para essa análise é a *palavra*. Isso explica porque os formalistas russos frequentemente abordaram em seus trabalhos a questão do sentido das palavras e das combinações de palavras (ŠKLOVSKIJ, 1916; VINOGRADOV, 1923; TYNJANOV, 1924). Isso explica também o título do artigo de Voloshinov – *A palavra na vida e a palavra na poesia*¹⁰ (1926).

Por fim, após a revolução russa de 1917, a sociologia marxista, não raras vezes muito vulgarizada por seus intérpretes, começou a penetrar com grande força nas ciências humanas. Perto do final da década de 1920, as pesquisas sobre a língua poética tinham se transformado em “poética sociológica” (*sociologičeskaja poëtika*). Sua posição no paradigma das ciências humanas foi fortemente debatida, pois esse novo campo era um ponto de articulação entre a linguística e a crítica literária. Nos trabalhos de Voloshinov (sobretudo no artigo *As fronteiras entre a poética e a linguística*, 1930),

¹⁰ Lembramos que esse artigo está traduzido por Todorov como *O discurso na vida...*, o que altera fundamentalmente a perspectiva na qual ele deve ser lido.

vemos que essa “poética sociológica” foi associada à crítica literária, ainda que os problemas tratados fossem próprios da linguística. Isso explica também a diferença entre a tese de doutorado de Voloshinov *O problema da transmissão da palavra de outrem* vinculada à crítica literária e o seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, que aborda problemas mais especificamente linguísticos.

Vemos agora que o artigo de Jakubinskij e os trabalhos de Voloshinov não foram um fenômeno particular para a linguística e a crítica literária dos anos 1920. Eles trataram de questões muito atuais para sua época e as concepções elaboradas em seus trabalhos foram determinadas pelo nível de conhecimento de seu tempo.

A relação entre o artigo de Jakubinskij e os trabalhos de Voloshinov e o valor científico deles torna-se ainda mais evidente se for levado em conta um trabalho que atualmente também caiu no esquecimento. Trata-se da obra de V. Vinogradov *A poesia de Anna Akhmatova* (1925). Nesse texto, consagrado à especificidade do estilo dessa poetisa, Vinogradov introduz um capítulo intitulado *As máscaras do diálogo*, onde ele estuda o papel do diálogo na poesia de Akhmatova. Essa introdução dos diálogos permite à poetisa não apenas evitar a monotonia, mas também criar uma gama de efeitos emotivos que organizam a arquitetura do sentido dos seus poemas.

Analisando a maneira de integrar o diálogo como forma particular da língua no monólogo ou *skaz*, Vinogradov distingue três tipos de interação. No primeiro tipo, o diálogo organiza a composição de um poema, deixando ao monólogo o papel da descrição geral. Mesmo nesse caso, encontra-se um entrelaçamento das réplicas do diálogo e das observações do monólogo. Às vezes a poetisa assume, a um só tempo, o papel de narrador e de participante do diálogo, o que cria um entrelaçamento complexo das diferentes vozes.

No segundo tipo, o diálogo está integrado de maneira implícita. As intervenções de outrem são integradas no *skaz*. Esse cruzamento dos dois planos verbais cria uma composição complexa cheia de alusões.

No terceiro tipo, o diálogo integrado na composição de um poema serve para criar efeitos estéticos. A estrutura desse diálogo é particular, pois ele possui suas próprias especificidades semânticas.

Todas as ideias de Vinogradov são ilustradas por essa fina análise dos poemas de Anna Akhmatova. No fim desse capítulo, ele lamenta que os princípios da organização do diálogo ainda não sejam estudados pela prosa.

Acreditamos que esse trabalho de Vinogradov ocupa uma posição intermediária entre Jakubinskij e Voloshinov, porque, de um lado, Vinogradov se refere ao artigo de Jakubinskij aplicando algumas de suas ideias, de outro, ele analisa obras literárias revelando a polifonia das vozes (sem utilizar essa palavra) do narrador, do autor e dos heróis. Essa polifonia é criada graças à integração do diálogo. Esse trabalho de Vinogradov constitui assim uma passagem da análise do diálogo em sentido estrito de Jakubinskij ao diálogo intratextual de Voloshinov.

Para concluir, é preciso apontar que a problemática dos trabalhos analisados de Jakubinskij, Vinogradov e Voloshinov foi parte integrante do panorama das ciências dessa época na Rússia. A linguística histórico-comparativa era considerada como uma ciência abstrata, que se ocupava de um objeto muito distante da vida real. O interesse pela língua viva, pela utilização da língua e pela criatividade linguageira fez nascer pesquisas de novos objetos para a linguística. O desenvolvimento das novas ciências — da poética e da pragmática, a penetração da filosofia marxista e da sociologia transformou o paradigma das ciências humanas. Essa mudança de paradigma afetou não só a linguística, mas também outras ciências e as belas-artes.

Como testemunho desse período, podemos citar as monografias de dois linguistas russos, L. Zinder e T. Stroeve, que foram alunos de Jakubinskij e trabalharam no Instituto da Cultura Linguageira:

Se for preciso caracterizar a situação geral na linguística dessa época, pode-se dizer que era uma situação de *pesquisas*. E seria surpreendente se não tivesse sido assim, se a linguística soviética não tivesse pesquisado as novidades que vemos em outros campos criativos nessa época — no teatro, nas belas-artes, na música, na literatura, etc. Tratava-se de criar novos *objetos*, um novo *material*, novos *caminhos* e, essencialmente, uma nova *base metodológica*, que os linguistas buscaram na filosofia materialista marxista (ZINDER; STROEVA, 1999, p. 206).

Os trabalhos de Jakubinskij e Voloshinov foram um ponto de partida para as mudanças nesse paradigma científico, apontando novas perspectivas para as ciências da linguagem. A concepção de diálogo de Jakubinskij, bem como o dialogismo de

Voloshinov, não receberam acabamento nos anos 1920-1930. Parece-nos que isso está associado, por um lado, à complexa situação dos anos 1930 e, por outro, ao destino trágico destes dois linguistas (Voloshinov morreu de tuberculose; Jakubinskij foi isolado e seus trabalhos foram proibidos de ser publicados por razões políticas). Por outro lado, muitas de suas ideias eram avançadas demais para sua época e não foram adequadamente apreciadas por seus contemporâneos.

Nos anos 1930, não houve nenhuma publicação consagrada ao diálogo. O diálogo era considerado uma forma própria da fala cotidiana, o que estava fora dos interesses científicos. Na época de Marr e do marrismo, a linguística russa estava voltada para outros problemas. Apenas Ščerba menciona o diálogo no seu artigo *A língua literária russa contemporânea* (1939), em que ele contrapõe duas formas da língua – falada, oral, e literária, escrita na base da oposição diálogo/monólogo. Ele considerava a língua falada, o diálogo, como uma forma não codificada. Esse ponto de vista de Ščerba explica parcialmente a ausência de interesse dos linguistas pelo diálogo nos anos 1930, já que essa era a época de desenvolvimento da teoria da língua “literária”. A visão de Ščerba teve como consequência a orientação dos estudos do diálogo unicamente para a língua falada. Essa situação perdurou até o início dos anos 1980. Isso explica por que as raras referências a Jakubinskij só são encontradas em trabalhos sobre a língua falada.

A teoria de Voloshinov foi redescoberta graças ao interesse por Bakhtin, pois este foi lido essencialmente pelos críticos literários, que viram apenas esse aspecto nos trabalhos de Voloshinov. Assim, a teoria do dialogismo foi aplicada somente à análise do texto e considerada como uma teoria literária. É graças ao trabalho de pesquisadores como V. Alpatov que os linguistas modernos descobriram as obras de Voloshinov.

É apenas no fim do século 20 que a linguística russa e mundial se voltou para a linguística da comunicação. Graças a isso, uma parte dos princípios formulados por Jakubinskij e Voloshinov foi redescoberta pela etnometodologia de Sacks e Schegloff, pela sociolinguística de Goffman e Gumperz e pela etnografia da comunicação de Hymes. Isso estimulou a releitura dos trabalhos de Jakubinskij e Voloshinov para encontrar o lugar deles na história das ideias linguísticas.

REFERÊNCIAS

ALPATOV, V. Kniga. *Marksizm i filosofija jazyka v istorii jazykoznanija. Voprosy jazykozannija*, nº 6, 1995. [O livro *Marxismo e filosofia da linguagem* na história da linguística]

_____. Lingvističeskoe soderžanie knigi *Marksizm i filosofija jazyka*. In: *Baxtin. Tetralogija*. Moscou, 1998. [O conteúdo linguístico do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*]

AUCOUTURIER, M. *Le formalisme russe*. Paris: PUF, 1994.

BAXTIN, M. *Marksizm i filosofija jazyka, Baxtin pod maskoj*. M. [*Marxismo e filosofia da linguagem*], 1993.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. London: Cambridge, 1984.

IVANOV, V. Ob avtorstve knig V. Vološinova i P. Medvedeva. *Dialog. Karnaval. Xronotop*, n. 4, 1995. [A parternidade dos livros de Voloshinov e Medvedev]

JAKUBINSKIJ, L. P. O dialogičeskoj reči. *Russkaja reč'*, 1, 1923. [Sobre a fala dialogal]

_____. *Jazyk i ego funkcionirovanie*. Moscou, 1986. [A língua e seu funcionamento]

KUŠNER, B. O zvukovoj storone poetičeskoj reči. *Sbornik po teorii poetičeskoj reči*. Ch.I. Petrograd, 1916. [Sobre o aspecto sonoro da linguagem poética]

LEONT'EV, A. Žizn' i tvorčestvo L. P. Jakubinskogo, Predislovie k sborniku rabot Jakubinskogo. *Jazyk i ego funkcionirovanie*. Moscou, 1968. [A vida e obra de L. P. Jakubinskij]

LEVINSKAJA, G. K teorii intonacii M.M. Baxtina, *Filologičeskie nauki*, n. 1, 1994. [A teoria da entonação em Bakhtin]

_____. Ličnoe delo Vološinova, Publikacija Pan'kova, *Dialog. Karnaval. Xronotop*, n. 2, 1995. [O dossiê pessoal de Voloshinov]

MAXLIN, V. Vremja sbrasyvaet maski, Baxtin pod maskoj. *Maska 5*, Moscou, 1996. [O tempo cria máscaras]

MATEJKA, L. On the First Russian Prolegomena to Semiotics. In: VOLOSHINOV, V., *Marxism and philosophy of language*, 1973.

PAN'KOV, N. Mifologema Vološinova. *Dialog. Karnaval. Xronotop*, n. 2, 1995. [O mitologema de Voloshinov]

ŠČERBA, L. V. Sovremennyj russkij literaturnyj jazyk. *Russkij jazyk v škole*, n. 4, 1939. [A língua literária russa contemporânea]

_____. *Vostocnolužickoe narečie*, t. 1, Petrograd, 1915. [Um dialeto sorábio do leste]

ŠKLOVISKIJ, V. "Zaumnyj" jazyk i poèzija. *Sbornik pò teorii poetičeskoj reči*. Č.1. Petrograd, 1916. [A língua 'transmental' e a poesia]

_____. *Voskrešenie slova*. Petrograd, 1914. [A ressurreição da palavra]

- _____. Iskusstvo kak priëm. *Sbornik po teorii poetičeskoj reči*. Č.1. Petrograd, 1917. [A arte como procedimento]
- TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine*. Le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981.
- TOMAŠEVSKIJ, B. *Teorija literatury*. Poetika. Leningrad, 1931. [Teoria da Literatura. Poética]
- TYNJANOV, J. *Problema stixotvornogo jazyka*. Leningrad, 1924. [O problema da língua versificada]
- TYNJANOV, J.; JAKOBSON, R. Problemy izučeniya literatury i jazyka. *Novyj LEF*, n. 12, 1927. [Problemas do estudo da literatura e da língua]
- VASIL'EV, N. Kommentarii k kommentarijam biografii M. Baxtina. *Dialog. Karnaval. Xronotop*, n° 4, 1995a. [Um comentário dos comentários da biografia de M. Bakhtin]
- _____. V. N. Vološinov: biografičeskij očerk. In: *Vološinov, Filosofija i sociologia gumanitarnyx nauk*. Saint-Petersbourg, 1995b. [V. Voloshinov: ensaio de biografia]
- VINOGRADOV, V. O zadačax stilistiki. *Russkaja reči*, Petrograd, 1923. [Sobre as tarefas da estilística]
- _____. “K postroeniju teorii poetičeskogo jazyka”, *Poetika*, III, 1923. [Para a construção de uma teoria da língua poética]
- _____. Poèzija Anny Akhmatova (stilističeskie nabroski). Leningrad, 1925. [A poesia de Anna Akhmatova (esboços estilísticos)]
- VINOKUR, G. Poètika, lingvistika, sociologija. *Levyj front*, n. 3, 1923. [Poética, linguística, sociologia]
- VOLOŠINOV, V. N. Slovo v žizni i slovo v poèzii. *Zveda*, n. 3, 1926. [A palavra na vida e a palavra na poesia]
- _____. *Frejdizm*. Moscou/Leningrad, 1927. [O Freudismo]
- _____. *Marksizm i filosofija jazyka*. Leningrad: Priboj, 1929. [Marxismo e filosofia da linguagem]
- _____. Konstrukcija vyskazyvanija. *Literaturnaja učeba*, n. 3, 1930. [A construção do enunciado]
- _____. O granicax meždu poètikoj i lingvistikoj. *V bor'be z marksizm v literaturovedenii*. Leningrad, Priboj, 1930. [As fronteiras entre poética e linguística]
- ŽIRMUNSKIJ, V. Zadači poèтики. *Načala*, n. 1, 1921. [As tarefas da poética]

REFERÊNCIAS CITADAS PELOS TRADUTORES

- ARCHAIMBAULT, S. Un texte fondateur pour l'étude du dialogue: de la parole dialogale (L. Jakubinskij). In: *Histoire, Epistemologie, Langage*, 22/1, 2000, p. 99-115.
- BRES, J. Savoir de quoi on parle: dialogue, dialogal, dialogique; dialogisme, polyphonie... In: *Dialogisme et, polyphonie – approches linguistiques*. Actes du

colloque de Cerisy, sous la direction de Jacques Bres et all. Bruxelles, De Boeck & Larcier S.A. Editions Duculot, 2005, p. 47-61.

KYHENG, R. Aux origines du principe dialogique. L'étude de Jakubinskij: une présentation critique. In: *Texto! Textes et cultures*, déc. 2003, vol. VIII, n. 4. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/Inedits/Kyheng/Kyheng_Jakubinskij.html]. Acesso em: 1 maio 2011.

NOWAKOWSKA, A. Dialogisme, poliphonie: des textes russes de M. Bakhtine à la linguistique contemporaine. In: *Dialogisme et polyphonie – approches linguistiques*. Actes du colloque de Cerisy, sous la direction de Jacques Bres et all. Bruxelles, De Boeck & Larcier S.A. Editions Duculot, 2005, p. 19-32.

SEROT, P. Préface à *Marxisme et philosophie du langage*. Limoges: Lambert Lucas, 2010, p. 13-93. (Bilingues en Sciences Humaines).

_____. Généraliser l'unique : genres, types et sphères chez Bakhtine. In: *LINX* (Paris-X-Nanterre), n° 56, p. 31-47. 2008a.

_____. Traduire la langue ou traduire le discours: à propos de *Marxisme et philosophie du langage* de Voloshinov. In: *Traductions scientifiques & transferts culturels 1*, Actes du colloque de relève organisé à l'Université de Lausanne le 14 mars 2008 par la Formation doctorale interdisciplinaire, édités par Jérôme Meizoz & Patrick Seriot, Université de Lausanne, 2008b, p. 5-15.

TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Recebido em 01/07/2011

Aprovado em 14/09/2011